

Constellation Inspiration um acto de inspiração pura!

Jorge Gonçalves

Todos os que me seguem há anos, e já ando nestas andanças há alguns, sabem que os meus testes têm normalmente uma certa estrutura, que não é rígida mas, de qualquer modo, segue sempre uma certa e determinada ordem. Mas as instituições fizeram-se exactamente para serem derrubadas, como dizem os revolucionários, e desta vez vou seguir um percurso algo diferente porque, pela primeira vez desde há vinte anos, encontrei dois equipamentos que me fizeram reescrever o livro das regras de escrita de testes.

E começo então por reconhecer desde já que me será muito difícil usar as palavras convencionais ou convencionadas para falar dos dois equipamentos alvos deste teste. Aquilo que eles fazem é colocar a música cá fora de uma modo tão natural, tão isento de artefactos ou artifícios, algo que senti logo da primeira vez que os ouvi, já lá vão quase dois anos. E o que é isso de naturalidade? Pois é sentir a música sair simples, completa, bonita, ouvida em qualquer ponto da casa, e que convence toda a gente que a ouve. Aliás, posso desde já dizer que esta é uma sensação comungada por diversos audiófilos, com os

quais tive ocasião de conversar uns dias depois da apresentação das Magico Q7 na Imacustica. As Q7 na altura soavam de um modo maravilhoso, ligadas aos imponentes Hercules, e a sensação principal, para além da correcção exemplar do desempenho ao nível das diversas gamas de frequência, era de que estava tudo certo. Os ingleses utilizam a muito a palavra *right* para definir esta sensação, e realmente isso tem sentido, pois *right* tem muitos significados (correcto, a direito, honesto, genuíno, justo, isto para citar apenas algumas das possíveis traduções) embora sendo uma única palavra. Assim sendo, se algo que se ouve soa assim tão certo, tão natural, como é que se conseguem encontrar palavras para descrever aquilo que os nossos ouvidos ouvem? Aqui é que é caso para dizer: cesse tudo o que a Musa antiga canta, que um valor mais alto se alevanta, como dizia o ilustre vate Camões. E não há dúvida que sim, pois, em meu entender (e é sempre assim que qualquer recensão crítica deve ser entendida) estes equipamentos da Constellation definem um novo *standard* de reprodução de música para o escalão de preços em que se situam, e um

standard tão elevado que me parece mesmo que não vai ser fácil vender as outras gamas que se situam acima dos Inspiration, tão bem soam estes.

As perguntas que muitos se poriam a si mesmos há quase três anos, quando se começou a falar da Constellation, andariam seguramente em volta de algo tal como: será que é possível manter juntos estes cinco génios (quatro dos melhores engenheiros de áudio de todos os tempos mais um *designer* industrial) por um período razoável de tempo? Será que faz sentido lançar mais uma marca de *high-end* quando já existem tantas e muitas delas com grande renome e *patine*? E será que os produtos a lançar serão assim tão inovadores e com uma performance tão elevada em termos sónicos? Seguramente outras questões, mais ou menos bem-intencionadas, poderiam ser alvitradas, mas John Curl, Bascom King, Peter Madnick e Demian Martin, uma parceria de sonho, já demonstraram ao fim de todo este tempo que existe uma solidez bem marcante na sua pareceria, uma vez que continuam juntos, apesar do maior ou menor significado que possa ter o facto de Peter



Madnick ter feito a apresentação da Audio Alchemy no Hi-Fi Show de Londres. Que fez todo o sentido lançar a Constellation Audio, nome que muito provavelmente vem do facto de os produtos serem desenvolvidos por uma verdadeira constelação de estrelas, provam-no os excelentes resultados de vendas alcançados pela marca ao fim do período de tempo tão curto por que se traduz a sua existência. E lá que os produtos são inovadores, quer em termos de *design* quer de performance, pois basta vê-los e ouvi-los para se concluir isso! Significa isto que a resposta na língua materna dos criadores da Constellation seria um pouco à moda de Obama - *Yes, they can!* Mas neste caso com muito mais propriedade, já que no do Obama ainda ninguém viu nada, tal como eu esperava e disse desde o primeiro dia em que foi eleito - a política vive de palavras bonitas mas essas palavras não dão o pão a ninguém e só poderão conduzir à consecução dos objectivos que apontam se se traduzirem em actos.

Mas deixemos a política, que é tema muito pouco do meu agrado, e falemos então brevemente do que é a Constellation Audio, que coisas fez até agora e em que é que se traduz exactamente esta linha Inspiration. Pois começo por dizer que o germen inicial da empresa foi formado pelos ilustres nomes acima citados, sob a batuta de um gestor de alto calibre e os auspícios de um investidor que até aqui se tem mantido secreto, mas que rapidamente se lhes juntaram outros elementos essenciais, tais como dois engenheiros de desenvolvimentos digital e um engenheiro mecânico, isto na área de desenvolvimento e produção, porque no lado das vendas está Irv Gross, um nome bem conhecido na área comercial no seu país.

Começando por cima, a linha actual da Constellation é constituída pela gama Reference, com o prévio Altair II, acompanhado pelos amplificadores de potência Hercules II, nas versões mono e estéreo; logo abaixo temos a linha performance, a mais completa de todas no momento e a qual inclui o prévio de linha Virgo II, o leitor de ficheiros digitais Cygnus, o prévio de *phone* Perseus, os amplificadores de potência Centaur, em versão monobloco e estéreo ainda o amplificador integrado Argo. Com o intuito de alargar o seu âmbito de oferta a um leque mais amplo de amantes da música bem reproduzida, a Constellation anunciou há cerca de um ano a nova linha Inspiration, de que vou falar neste teste, e que inclui o prévio Preamp 1.0 e os amplificadores de potência Mono 1.0 e Stereo 1.0.



Descrição técnica

O prévio 1.0 começa por destacar-se pelo seu *design* limpo, escurrito e esteticamente atraente: uma caixa em alumínio escovado, sem parafusos visíveis em toda a área superior e frontal e com um mostrador sensível ao toque no meio do painel frontal, escoltado à esquerda e à direita por dois botões que têm as funções de controlo de volume e de balanço. Todas as funções são controladas ou através de toques conjugados entre as cinco teclas existentes por debaixo do mostrador e toques neste, ou com recurso a um elegante controlo remoto. No interior temos uma boa parte de tecnologia avançada de áudio que os projectistas citados no início deste texto desenvolveram para o Altair II e Virgo II, nomeadamente no facto de os circuitos nucleares de amplificação de áudio serem os mesmos, com uma topologia duplo mono, bem como por se utilizar o mesmo conceito de transformadores tripos na fonte de alimentação.

A característica mais interessante na topologia dos prévios da Constellation e igualmente presente no Preamp 1.0 é o módulo do andar de linha, o qual possui uma configuração perfeitamente balanceada e utiliza circuitos servo para manter um equilíbrio quase absoluto entre as partes positiva e negativa do sinal balanceado e utiliza neste caso quase os mesmos componentes que são empregues no caso dos seus irmãos mais caros. Do mesmo modo, temos neste caso também a interface Constellation Direct, a qual permite um ataque directo dos amplificadores de potência da marca, indo aplicar o sinal depois do primeiro andar de ganho destes e definindo assim um percurso mais curto para aquele. Foi igualmente tida uma

atenção especial à eliminação de vibrações, o que implica, por exemplo, que o bloco de ligações de entrada está suspenso através de um material elástico flexível e a fonte de alimentação está blindada por uma espessa placa de alumínio, passando para o exterior apenas os condutores de ligação, novamente para evitar vibrações e interferências electromagnéticas provenientes dos transformadores. Nessa fonte de alimentação separaram-se de modo quase completo as áreas de trabalho comuns, ao empregarem-se dois transformadores de núcleo em R de fabricação Kitamura Kiden (os japoneses são em termos práticos quem mais sabe sobre transformadores em R em todo o mundo, e a Kitamura Kiden foi quem inventou este tipo de transformadores, tendo mesmo registado a patente para vários países), um para os circuitos activos de cada canal, e um terceiro, convencional, de núcleo E/I para alimentar os circuitos de controlo digital. O bloco principal da fonte de alimentação, fixado a uma espessa placa de alumínio, inclui os citados transformadores, montados lateralmente em relação a um circuito impresso de amplas dimensões e povoado igualmente por uma vasta quantidade de condensadores de filtragem e díodos rectificadores de recuperação suave, para evitar radiação de ruídos de comutação.

Entre os circuitos de controlo incluem-se os controlos de volume e de balanço, os quais funcionam através de rodas codificadoras ópticas que actuam sobre uma malha de resistências de poli-silício de alta precisão - cada passo corresponde a 0,1 dB! O facto de o controlo ter lugar no domínio óptico dá igualmente origem a um elevadíssimo isolamento entre o circuito de controlo e o sinal de áudio. Uma

Constellation Inspiration

das entradas pode ser configurada para funcionar no modo *bypass* numa instalação de cinema em casa, o que implica que em estéreo o sinal passe somente através do andar de linha do prévio e do amplificador a que está ligado, garantindo-se assim uma independência perfeita entre os dois modos de funcionamento. O ganho de transferência pode ser predefinido através do *setup* efectuado no painel frontal, numa combinação de teclas de activação, situadas por debaixo do mostrador, e da acção directa nesse mesmo mostrador, do tipo táctil.

No circuito impresso principal temos novamente um banco de condensadores de filtragem (24 no total) e nada menos de 12 reguladores locais de tensão (seis por canal) para isolar totalmente os circuitos de amplificação do tipo discreto (os Ampops que se podem ver nas fotos funcionam meramente como servos, estando situados fora do percurso do sinal). As comutações de sinal têm lugar através de relés selados de alta qualidade; uma boa parte dos transistores são de fabricação especial para a Constellation e existe uma boa quantidade de condensadores de polipropileno da Rel-Cap. Embora os transistores sejam do tipo convencional (caixa TO-92, com fios de ligação) as resistências são do tipo SMD.

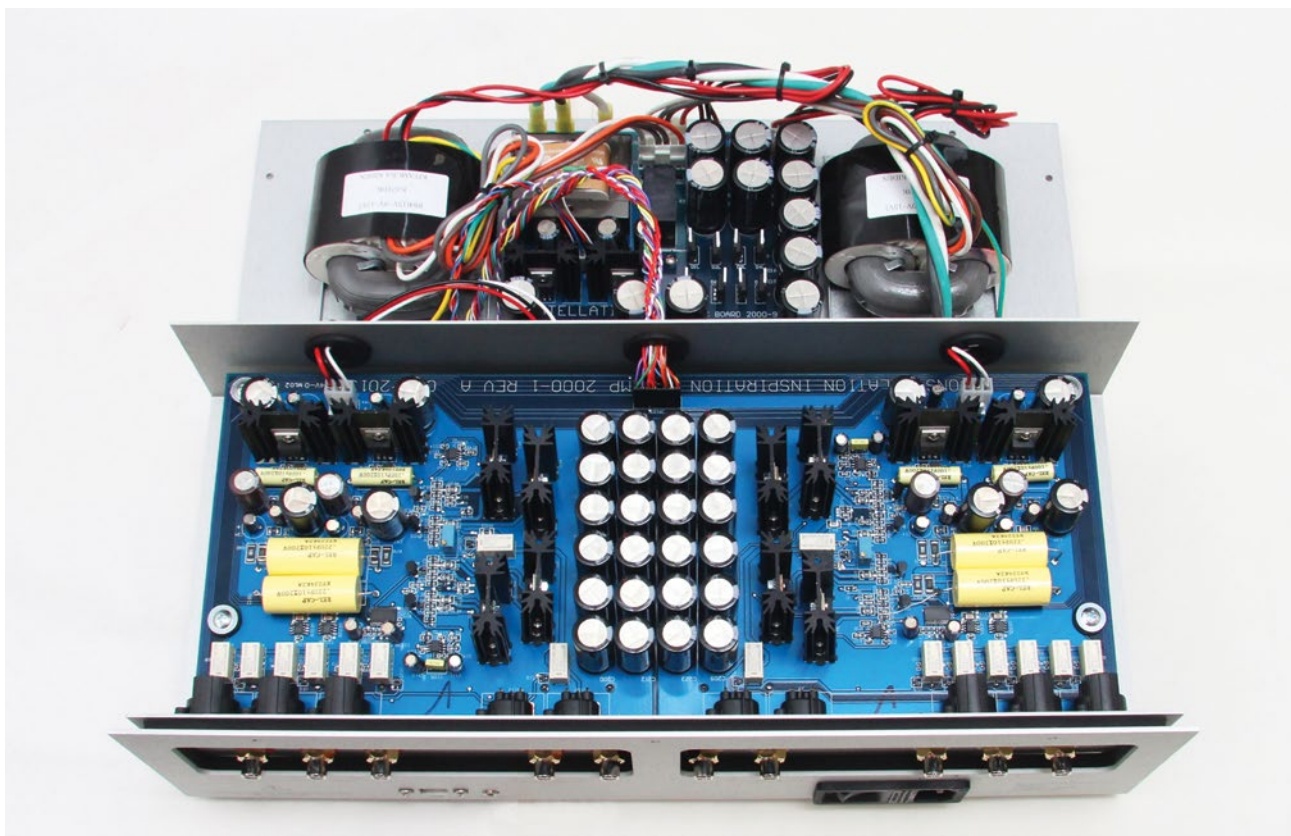
A estrutura construtiva dos equipamentos da Constellation tem igualmente um elevado grau de originalidade: todos os componentes principais do chassis são de alumínio maquinado numa fresa CNC, definindo-se igualmente um sistema de juntas de ligação que confere ao chassis uma resistência quase tão grande como se ele fosse construído a partir de uma peça única. Esta solidez contribui assim uma vez mais para uma transmissão quase nula de vibrações provenientes do chassis aos circuitos internos.

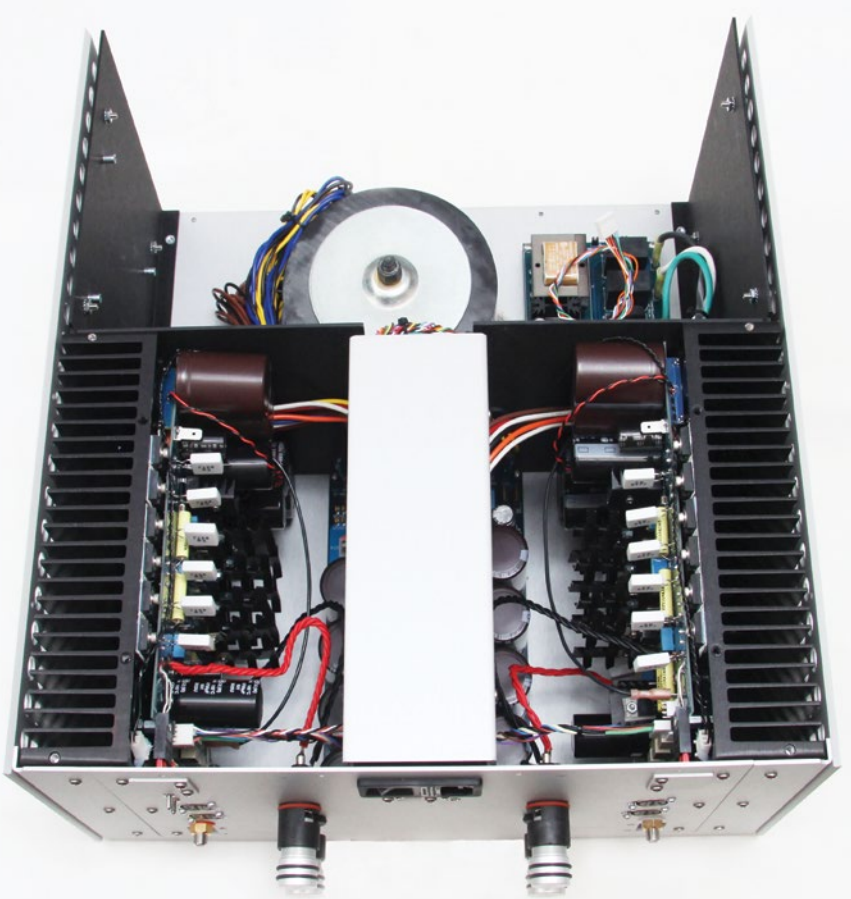
Em termos de especificações e características pode-se falar em seis entradas, três do tipo *single-ended* e três balanceadas, bem como uma entrada USB para controlo. As saídas estão duplicadas, quer em termos de ligações balanceadas quer em ligações normais (RCA), e a distorção máxima atinge 0,001% de 20 Hz a 20 kHz, para uma amplitude de 2 V do sinal de saída. A resposta em frequência estende-se dos 10 Hz aos 100 kHz, $\pm 0,5$ dB, a relação sinal/ruído é de 105 dB (ponderação A), a impedância de entrada é de 10 kOhm (entradas não balanceadas) ou 20 kOhm (entradas balanceadas e a de saída inferior a 50 Ohm.

Passo agora ao amplificador Stereo 1.0, novamente ostentando um magnífico chassis em alumínio maquinado e

um avantajado peso de 25 kg, felizmente ainda não violento para a coluna mas já marcante o suficiente para desaconselhar muitas movimentações. A espartana frente inclui apenas um comando na forma de uma haste rectangular horizontal com um LED ao centro e que, em meu entender, foi desenhada de propósito para desarmar todos aqueles que têm o hábito de não lerem os manuais de utilização, que neste caso nem sequer estavam ainda disponíveis *online*: é que as primeiras tentativas de pressão no lado esquerdo da haste, a única que cede a essa acção, não produzem qualquer mudança no estado do amplificador, que sem mantém impávido e sereno. Só depois de reflectir por um bocado é que concluí que afinal só pode ser através dessa haste que se liga o amplificador, mas é preciso carregar nela durante alguns segundos. E depois é preciso esperar igualmente algo como 20 a 30 segundos para se ver a cor azul do LED sinalizador, indicando que o amplificador está pronto a entrar em acção. E o mesmo acontece quando se desliga o amplificador, ficando neste caso a luz vermelha a piscar durante um razoável período de tempo.

Olhando para as traseiras do amplificador, o que mais chama a atenção são os imponentes terminais de ligação das colu-





nas, os quais aceitam todo o tipo de terminações dos cabos de coluna. As entradas são em número de três por canal – uma XLR normal, outra para o modo de funcionamento Constellation Direct e ainda uma RCA – com o modo de funcionamento seleccionável através de dois interruptores miniatura de alavanca, um para seleccionar o tipo de entrada em uso e o outro para colocar o amplificador em Mute, útil, por exemplo, quando se trocam cabos na entrada ou na ligação às colunas, enquanto a ficha IEC de entrada do sector inclui o interruptor de ligação para colocar o amplificador no estado de *standby*.

Aberto o chassis do amplificador depara-se-nos uma estrutura limpa e organizada, com o transformador de alimentação de formato toroidal de elevada potência (não encontrei qualquer indicação escrita, mas um contacto com a Constellation permitiu-me concluir que a potência do transformador estava algo acima de 1 kVA, com 1,25 kVA a ser uma boa estimativa), situado junto à parte frontal e ladeado por um outro transformador de pequena dimensão para alimentar os circuitos de gestão de *standby* e *soft-start*. A tensão de alimentação chega até aos transformadores através de um túnel de blindagem que passa por cima dos condensadores de filtragem, colocados centralmente e recorrendo a uma técnica desenvolvida aqui há uns anos, creio que pela primeira vez pela McCormack: divisão do valor total da capacidade de filtragem por um número apreciável de condensadores de valor mais pequeno, ligados em paralelo para baixar a resistência em série. Neste caso temos

dezasseis condensadores de 10.000 μF no grupo principal com quatro outros colocados na entrada da placa de circuito impresso de cada amplificador, o que implica uma capacidade total de filtragem de 240.000 μF .

Como em todos os amplificadores da Constellation, a topologia baseia-se na configuração Balanced Bridged, a qual combina vários módulos de amplificação *single-ended* de modo a constituírem um circuito totalmente balanceado. Os circuitos de amplificação de potência utilizam exclusivamente transístores MOSFET de canal N (novamente fabricados especialmente para a Constellation e seguindo as especificações dos seus projectistas), o que significa que as partes positiva e negativa do sinal são exactamente iguais, algo que não acontece nos amplificadores convencionais, nos quais se usam transístores de canal N e de canal P. Aliás, as semelhanças entre este amplificador e os seus irmãos mais «crescidos» Hercules e Centaur são muitas, com excepção de o andar de ganho inicial estar neste caso incluído no circuito impresso principal em vez de constituir um módulo independente, e no número de transístores de saída (e da potência do transformador, claro). Dois dissipadores bem imponentes alojam sobre eles os transístores de potência (seis pares por canal), sendo cobertos pelas partes laterais do chassis, profundamente perfuradas. Embora a Constellation nada diga a esse respeito, é bem evidente que a corrente de polarização de repouso dos transístores de saída é razoavelmente elevada, uma vez que sai uma boa quan-

tidade de calor do amplificador após algum tempo de funcionamento ou mesmo que ele fique em repouso por pelo menos meia hora.

Falando agora dos números que a Constellation fornece, posso avançar que o Stereo 1.0 debita 200 W por canal sobre 8 Ohm, duplicando esse valor quando a carga passa para 4 Ohm. A resposta em frequência estende-se de 10 Hz a 80 kHz, +0, -0,5 dB, o ganho é de 26 dB (14 dB para a entrada Constellation Direct), a distorção trans-harmónica é menor que 0,05% a 1 kHz e até 90% da potência máxima, e o factor de amortecimento 80, uma vez que a impedância de saída é de 0,1 Ohm. A impedância de entrada é de 20 kOhm em balanceado e de 10 kOhm para a entrada *single-ended* e a relação sinal/ruído melhor que 95 dB, ponderação A.

Audições críticas

Os Inspiration entraram inicialmente no meu sistema de referência, substituindo o Mark Levinson N.º 27.5 e o meu prévio de autoconstrução. As colunas eram as Quad ESL-63 Pro, a cablagem Kimber Select do tipo híbrido para colunas e interconexão, neste caso nas versões *single-ended* e balanceado. A fonte de sinal digital era o Accuphase DP85, complementado pelo *streamer* Micromega MyDAC ligado a um NAS da Synology ou ainda pelo novíssimo DAC Pioneer U-05-S, ainda sob embargo na altura mas a que tive acesso privilegiado. Embora este último seja especialmente destinado para utilização com auscultadores, a existência de uma saída analógica tornou-o muito útil para esta ocasião, até porque permite ler ficheiros digitais PCM com resoluções até 24 bit/192 kHz e DSD até duas vezes a resolução base. Foi ainda utilizado brevemente, recorrendo ao andar de *phono* do meu prévio, ou ainda, já no final do teste, ao andar de *phono* Avid Pulsare II, o gira-discos Basis Gold Debut, com braço SME V e cabeça van den Hul Colibri. Uma boa parte das audições teve lugar com ligações balanceadas, com recurso à entrada Constellation Direct, que é a que faz mais sentido neste caso, embora tivesse igualmente utilizado a entrada RCA, através de um cabo Kimber Select híbrido exactamente igual em estrutura ao cabo balanceado, para minimizar variações indesejadas na performance final. Posso dizer que acabei por preferir a ligação balanceada mas acho que fundamentalmente devido à ligação directa, já que uma breve experiência de comparação entre a entrada XLR «normal» e a RCA me pareceu indicar que as diferenças nesse caso não eram assim tão evidentes co-

Constellation Inspiration

mo quando se comparava a performance entre a utilização da entrada RCA e a que resulta quando se recorre à Constellation Direct. Mas claro que aqui, como em quase tudo na vida, cada cabeça sua sentença e nada como cada um experimentar no seu sistema e com os seus cabos qual a configuração que lhe permite maximizar a performance final. Mais tarde experimentei ainda o conjunto da Constellation num outro sistema com as B&W D802 como colunas e o Marantz UD9004 como fonte de CD e SACD. Uma área que deixei por explorar, de modo propositado, foi a dos cabos de ligação ao sector. Acabei por utilizar dois cabos que conheço bem, construídos a partir de um cabo da Audioquest que deixou de ser fabricado e deixei para segundas nupcias a exploração de qual o cabo de sector mais apropriado para cada um dos dois equipamentos. Isto fundamentalmente porque acho que é uma investigação que leva o seu tempo e, ao mesmo tempo, não gostaria de deixar aqui indicações absolutas que pudessem não funcionar noutros sistemas e para outros gostos de audição. Nesta, como em outras coisas, temos muito um caso de «cada cabeça cada sentença» e o melhor é, no meu caso, investigar esta situação com calma, e no que se refere aos eventuais compradores deste conjunto, deixar que cada um tire as conclusões que, em seu entender, são mais válidas.

E as minhas expectativas de audição, elevadas já de início, depois de tudo o que já tinha ouvido em diversas ocasiões, foram superadas, o que muito raramente acontece na nossa vida. *High Expectations*, título traduzido de maneira algo infeliz por *Grandes Esperanças* (*hope* e *expectation* têm significados bem diferentes em inglês) é uma das minhas obras favoritas e por algumas vezes já vi concretizado em termos reais mais que um aspecto da ficção de Dickens, pelo que muitas vezes «jogo à defesa» e tento não esperar demasiado das pessoas ou situações para evitar desapontamentos. Mas, neste caso, pus de lado todas as minhas reservas e apontei bem alto, quase com a certeza de que aquilo com que iria ser recompensado seria ainda melhor que as minhas melhores expectativas.

E a recompensa chegou de modo quase imediato. Com estes Inspiration parece que se abrem novos canais de comunicação livres e des congestionados, de modo a que a música chegue directamente ao nosso cérebro com uma facilidade e naturalidade desarmantes. O que mais encanta no som Constellation, sim porque por aquilo que tenho vindo a ver e ouvir ao lo-

go dos dois últimos anos e que agora pude experimentar em casa, há um estilo muito próprio de transportar a música até nós por parte dos equipamentos da Constellation. E o estilo é exactamente – numa antítese aos desfiles de costureiros e costureiras que de um dia para o outro parece que saltaram de baixo de cada pedra aqui no nosso rincão lusitano (pior que isso só os «chefes de cozinha») –, o estilo aqui é não envergar roupagens exóticas que confirmam floreados ao som ou ostentar propostas de alta-costura. É exactamente o oposto, é a aplicação mais pura do conceito KISS ao mundo audiófilo – quanto mais simples melhor, ou ainda talvez uma das melhores implementações que já vi da definição de Peter Walker, da Quad: uma cadeia de amplificação dever ser não mais que um condutor de ligação sem ganho! E isso traduz-se na prática por parecer que a música vem até nós de um modo tal que parece que não existe qualquer sistema de áudio, coluna ou o que quer que seja, entre ela e o ouvinte que dela vai usufruir. Eu disse logo de início que não ia ser fácil encontrar palavras nas apreciações convencionais de equipamentos que traduzissem de modo fiel aquilo que se sente quando se escutam estes Constellation e, por outro lado, sei que me estou a sujeitar a ser apelidado de herege quando faço afirmações como a que acabo de fazer. Então um apreciador ferrenho da boa reprodução da música paga quase uma fortuna por um

sistema de áudio (não se esqueçam de que eu estou aqui a falar de dois equipamentos que custam cerca de 24.000 euros mas que ainda é necessário acrescentar um par de colunas e, pelo menos, uma fonte, para termos um sistema completo, o que faz subir o preço final em mais algumas unidades antes dos zeros à direita) para depois chegar à conclusão que o melhor de tudo acontece quando esse sistema não está lá? É de deixar qualquer um perplexo, mas é isso mesmo que eu estou a pretender que quem me acompanhou até aqui entenda.

Se bem me recordo, foi o famoso Harry Pearson, fundador da revista *Absolute Sound* e recentemente falecido, quem disse acerca de um outro grande equipamento de áudio: «Este foi o melhor equipamento que eu não ouvi!» E não posso estar mais de acordo com ele. E dentro de todas aquelas elegantes mas bem marcantes estruturas de alumínio sai um som tão limpo e natural que define muitos dos conceitos com que estivemos habituados durante anos e anos a tentar conviver e que, concedo, tornam a minha tarefa de ouvinte extremamente gratificante, mas levantam diversos escolhos quando eu assumo a minha função de «revisor crítico de equipamentos», como define o meu caro amigo Holbein a função de quem tem por actividade profissional experimentar equipamentos e sobre eles escrever. Mas tentarei desvencilhar-me o melhor que



posso e sei, que os meus leitores habituais bem o merecem.

Regressando ao conjunto da Constellation, é melhor ressaltar desde já que na análise que vou fazer não os irei destrinçar um do outro em termos de performance sónica, fundamentalmente em função do que disse acima (há uma imagem de marca comum no desempenho sonoro), mas também porque eles formam um conjunto donde se torna difícil dissociar uma das partes. Não que não se possa comprar apenas um dos equipamentos, como em qualquer outra situação. Tal é perfeitamente possível e pode até constituir um ponto de partida para se entrar no «mundo Constellation». Mas, do ponto de vista deste texto, sinto que o todo é o que realmente conta aqui, seja ou não mais do que a soma das partes.

Aqueles que me conhecem sabem que a minha preferência por géneros musicais vai mais para o lado da clássica e do jazz, embora não me desagrade nada, antes pelo contrário, ouvir um bom rock, o que pode ir desde os Beatles e Rolling Stones, aos Metallica, Guns & Roses e quejandos. Vou então começar por deixar aqui algumas notas de audição relativas à obra de Debussy *La Mer*, uma gravação da Deutsche Gramophon, com a Orquestra de Paris dirigida por Daniel Barenboim. Esta é uma obra muito interessante, aquilo que pode ser designado como um poema sinfónico e uma das mais adequadas para realçar as

capacidades de comunicação musical dos Inspiration. De facto, não se torna necessário ler o poema estrofe a estrofe porque, tal João Villaret dos velhos tempos, as palavras musicais chegam até nós com uma quase voluptuosidade tal que começam a rimar mesmo a meio da frase, tal a capacidade que esta electrónica tem de nos dar a entender não só o que está a ser ouvido no momento como o que vem a seguir. Como se diz da pescada, que antes de ser já era, as frases musicais reproduzidas pelos Inspiration são tão claras e tão bem delineadas que dá gosto apreciar cada pequena nuance, cada requebro das cordas em si ou da orquestra no seu conjunto, os quais nos levam até à sala de concerto com uma facilidade desarmante e quase que trazem até nós o cheiro salgado do mar condimentado pelos odores das algas. E isto quer nas passagens mais calmas e relaxadas, quer naquelas em que a dinâmica tem que intervir de maneira evidente. Sim, porque a descrição feita até aqui pode levar alguns a pensar que temos aqui uma electrónica capaz de nos apresentar sons muito calmos e bonitos mas a que poderá faltar alguma vitamina quando se torna necessário reproduzir torrentes de energia e «sair dos eixos». Nada disso, a energia está lá toda e em grandes quantidades sempre que é necessário, mas aí o som não perde nenhuma das suas características de naturalidade e imediatez, fazendo quase saltar as colunas caso seja caso disso.

Principalmente quando combinado com as B&W D802 (até porque as ESL 63 não são exactamente as colunas mais viradas para proezas dinâmicas), fui muitas vezes surpreendido com o modo como um crescendo orquestral poderia ocorrer não só pelos níveis de pressão sonora como sobretudo como tal ocorria sem que a música perdesse um milímetro da sua compostura. Era apenas como se, de um modo natural e evidente, a electrónica dissesse: Pois sim senhor, se é necessário soar alto vamos a fazê-lo já, rapidamente em força, mas sem estragar nada daquilo que sabemos fazer tão bem que, no fundo, é quase tudo. Apenas como um exemplo, posso citar a faixa *Drum Duet*, dos Genesis, com Phil Collins e Chester Thompson a fazerem alarde da sua mestria na bateria, ou direi melhor artilharia, porque cada um dos instrumentos de percussão tem um verdadeiro arsenal de tambores. Quer as palmas e intervenções pontuais do público (a faixa foi gravada ao vivo numa *tournee* dos Genesis, na altura ainda com Phil Collins a fazer parte da composição do grupo) quer

a energia das batidas geram verdadeiras torrentes de energia que mexem com as nossas emoções mas, tanto ou mais que isso, a imagem estereofónica é tão clara e tão precisa que quase que conseguimos distinguir a cada momento em que tambor é que cada baterista está a bater num dado instante. É um trabalho genial, que faz parte da colecção das 25 melhores faixas de interpretações de bateria e a que este conjunto confere um gozo de audição superlativo.

E, como se tudo isto não fosse já muito, que posso eu dizer dos Inspiration quando os alimentei, em primeiro lugar com ficheiros digitais de 24 bit/ 96 kHz e depois com sons de vinilo? Pois que se entra noutra dimensão, com uma maviosidade encantadora e envolvente, que se reveste de uma tridimensionalidade tão natural que nos faz pensar porque é que não demos por ela antes. Fui buscar discos de vinilo, apenas pelo prazer de os ouvir, pois as primeiras audições abriram tantas janelas na minha frente que todo aquele ar fresco em termos musicais me encheu de vontade de experimentar mais e mais gravações. Mesmo no caso da *Carmen*, de Bizet, numa gravação em LP da EMI, que tantas vezes já aqui citei e que tantas ouvi e sobre a qual, portanto, achava que já sabia tudo, assumiu uma clareza de reprodução que parecia iluminar toda a minha sala de audição. Apenas como um exemplo, os pratos e castanholas assumiram uma presença tão evidente que pareciam de uma outra dimensão, embora nunca deixassem de estar integrados no conjunto, o mesmo acontecendo com o xilofone. A parte final da música, que é uma adaptação para bailado, tem uma velocidade estonteante e uma multiplicidade de instrumentos que podem baralhar e confundir muitos outros equipamentos, mas nunca esta combinação da Constellation: os crescendos finais da valsa *El Toreador* são reproduzidos com um *aplomb* quase inacreditável e uma nitidez na imagem sonora e espacial de cada instrumento que deixam quem ouve rendido de emoção e sentimento. É com discos deste nível que se percebe porque é que o controlo de balanço do Preamp 1.0 tem um ajuste tão fino: é que a separação de canais e a reprodução da imagem espacial são tão perfeitas que qualquer pequeno desvio para a esquerda ou para a direita é imediatamente detectável.

Este conjunto reproduz maravilhosamente bem as vozes como, por exemplo, Joan Baez, que estará ente nós em Abril, na canção *Sad Eyed Lady of the Low Lands*, que uma vez mais já citei nos meus



Constellation Inspiration

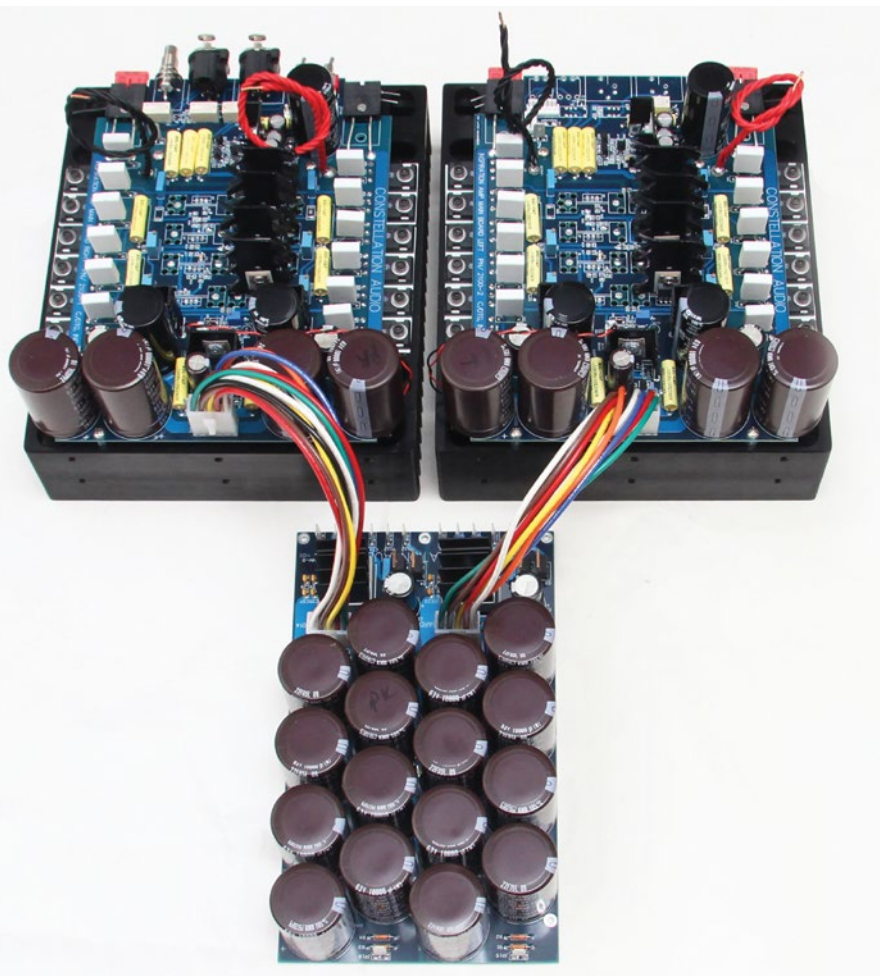
escritos, nas cordas e nos tambores que podem debitar torrentes de energia mas, ao mesmo tempo nos transmitem uma ideia muito clara do modo como a pele está esticada, do aveludado da superfície desta e quase mesmo do seu cheiro, tão envolvente e plena de requebros é cada pancada nos mesmos: é uma combinação de um pungente sentido rítmico com uma graciosidade de bailarina principal do Lago dos Cisnes. Como disse no início, traduzindo agora essa afirmação para uma adaptação de um célebre anúncio dos anos 70, creio que da pasta medicinal Couto: «Palavras para quê? São dois artistas de um outro mundo.» Combinar a graça e harmonia de um grande bailado com uma imediaticidade soberba na reprodução de transientes que nos deixa pregados ao assento é obra que muito poucos conseguem. Como já disse aqui há uns meses num dos meus testes, acho que bruxas não há, mas então aquilo que os Inspiration fazem cai já no domínio da magia.

Voltando agora a um dos meus discos e grupos preferidos, falarei um pouco da canção *Maxwell's Silver Hammer*, dos Beatles, presente no álbum *Abbey Road*,

e cito, novamente como um exemplo, que muito mais teria para dizer, que o som do martelo a bater na bigorna, e a sua imitação em termos sónicos e melódicos, recriada pela guitarra de Ringo, saem do disco com uma nitidez tal que quase parece mentira conseguir-se este nível de verosimilhança numa reprodução de música num sistema de áudio. E as vezes que eu ouvi este *Abbey Road*, que fez a sua estreia no meu Thorens TD 166 aqui há muitos, muitos anos. Os seus sulcos já foram percorridos tantas vezes que lhes perco a conta, o vinilo é normal, embora seja uma prensagem feita no Reino Unido, mas está lá ainda tanta coisa que quando sai cá para fora ainda me consegue surpreender – basta ouvir a guitarra livre e cantante em *Here Comes the Sun* para ficarmos extasiados. Esta é a vida de um audiófilo e escreba: dura muitas vezes, com horas e horas passadas a escrever e ouvir equipamentos, sem quase tempos livres, mas com compensações que acabam por nos trazer elevados sentimentos de gratificação em determinados momentos da vida. E, o que ainda é melhor, estas experiências fazem-nos sentir vivos e actuantes, prontos para

sermos surpreendidos, e nunca acomodados a uma realidade monocórdica que não admite cambiantes de qualquer tipo. Esta é a riqueza principal que se retira de ouvir música e digo-vos que ela por si faz todos os sacrifícios descritos valerem a pena.

Tendo chegado aqui, em conjunto com os que tiveram a paciência de me acompanhar nesta longa diatribe, estou mesmo a imaginar alguns de vós a comentar: então isto são só loas, maravilhas de um outro mundo, não há críticas? Pois, creiam-me que em termos sónicos não consigo criticar estes Inspiration que demonstram realmente ser uma obra de inspiração, e, no que se refere a funcionalidade, com a excepção da actuação algo lenta do botão de volume, nada posso dizer de negativo – o botão de controlo de volume no painel frontal devia actuar mais rápido, pois para ir dos -99 dB aos 60... 65 dB, zona onde se atinge o limiar para audições normais, é necessário dar não sei quantas voltas ao botão. Claro que é possível dar a volta à situação programando o nível de volume de arranque de modo independente para cada entrada e através do controlo remoto tem-se uma actuação bem mais rápida, mas uma combinação das duas situações seria seguramente bem-vinda. Pois é, tenho que aceitar também que o prévio não tem entrada de *phono*, o que pode ser uma pena para quem tanto gosta de vinilo como eu – e posso dizer que este é uma das combinações que mais faz jus a uma fonte vinilo de alta qualidade, tão limpa, aberta e musical é a sua reprodução. Mas, por outro lado, tenho que aceitar esta opção por parte dos projectistas da Constellation: como seria possível incluir dentro do já reduzido espaço livre existente no Preamp 1.0 todos os circuitos necessários para se ter uma entrada de *phono* que estivesse à altura dos pergaminhos não só da marca como, muito em especial, deste fabuloso prévio? Felizmente, a unidade *phono* existente no meu prévio, embora não sendo a solução ideal porque não se pode tornar totalmente independente da amplificação de linha (apesar de tudo com apenas dois andares, um deles de *buffer*) funcionou à altura das circunstâncias e tem a grande vantagem de ter um nível de performance bem elevado e que eu conheço muito bem, pelo que quase não introduz outras varáveis no sistema a não ser os cabos de interligação ao Preamp 1.0, que neste caso foram os Black Rhodium Requiem, que eu conheço muito bem. E, a finalizar, apenas uma nota no que se refere aos aspectos operativos: seria mais conveniente que o acesso às entradas não se fizesse apenas através do



movimento permanente da tecla do controlo remoto que selecciona uma determinada entrada em termos sequenciais. Se ter no controlo remoto seis teclas para esse fim pode soar a exagero, duas teclas, uma actuando a selecção de entradas no sentido ascendente e outra no sentido inverso, seria bem mais conveniente que a única tecla existente que apenas acciona um tipo de movimento. E pronto, a minha função de crítico, na verdadeira acepção da palavra, está cumprida!

Podia escrever páginas e páginas sobre as longas horas de audições que tive todo o prazer de comungar com esta parelha, muitas delas prolongando-se madrugada a dentro, já lá pelas 3... 4 horas da manhã, e a níveis bem reduzidos para não perturbar nem vizinhos nem família. Mas isso seria cansar quem me lê. Basta, em termos de apontamento importante, dizer que os Inspiration tocam maravilhosamente bem a níveis bem reduzidos de volume, quando outros equipamentos nos dariam apenas uma pálida imagem da música que estamos a ouvir. Com eles tudo continua lá e quase com a mesma evidência que aos -40... -45 dB, algo que, do meu ponto de vista, é um dos melhores indicadores sobre o nível de qualidade de um sistema ou dos elementos que nele constam: se, ouvidos numa outra divisão da casa, ou na habitual mas a baixos níveis de volume, soam especialmente bem, então, como eu digo, temos homem! Mas, abusando da boa vontade e paciência dos meus leitores, ainda me atrevo a falar so-

bre o disco de vinilo da RCA com a música original do filme *A Pantera Cor-de-Rosa*, do tema de abertura do filme e imaginar o impagável Peter Sellers e, tão ou mais importante que isso, recordar os muitos, muitos desenhos animados que vi da «Pantera» em tempos que lá vão, quase sentindo que ela se estava a deslocar silenciosamente pela minha sala de boqui-lha na boca e deixando atrás de si o aroma do cigarro – hoje em dia estes desenhos animados não seriam assim muito politicamente correctos, ao representarem uma personagem a fumar, mas noutros tempos o anátema colocado sobre os fumadores, justificado em termos de saúde mas exagerado nos dias que correm nalguns casos, era bem mais suave ou mesmo inexistente. E deixo ainda uma palavra final para a faixa *Silêncio do Amor*, do disco *Bossa Nova*, de Luís Bonfá. Raramente se ouve uma guitarra com este nível de qualidade de reprodução, é quase como se estivessemos em frente a ela, vendo os dedos passar pelas cordas e escutando os sons próprios «condimentados» pela qualidade da madeira e estrutura construtiva da caixa. Um espanto, digo eu.

Conclusão

Será mesmo necessária esta parte? Talvez torne tudo mais fácil se disser que, pela primeira vez em algo como 20 anos vou ter de mudar de equipamentos, o que é obra! Isto porque os Inspiration vão substituir a minha electrónica residente: o Mark Levinson N.º 27.5 tem sido um excelen-

te companheiro ao longo de todos estes anos, mas não pode ter já a pretensão de se alcandorar a estes níveis, porque esta é engenharia de áudio de alta escola. Como diria Carlos Tê, o autor de muitas das letras das canções de Rui Veloso: Isso já eram sonhos a mais! E o mesmo tenho que dizer do meu prévio, que já não atinge o nível de resolução e clareza musical do Preamp 1.0. Como pelo meio tive oportunidade de conviver com uma boa amostra dos melhores equipamentos mundiais, estão a ver que esta não é uma decisão que decorra de um capricho passageiro mas sim de algo reflectido e fundamentado.

Claro que vou passar a ter um outro problema que é a pouco e pouco sentir que as limitações que eu sei existirem nos restantes elementos do meu sistema de áudio passam a ser mais e mais evidentes, mas terei que viver com ele porque os tempos não estão para trocar de equipamentos por dá cá aquela palha e refazer o meu sistema para um nível que coloque os seus elementos individuais anteriormente existentes ao nível destes Inspiration não é tarefa fácil nem barata. Acredite ou não em tudo o que aqui escrevi (e eu acho que deve acreditar) há uma coisa que não pode deixar de fazer e que é utilizar toda e qualquer oportunidade que tenha para ouvir estes Inspiration. Mas cuidado com o que acontece a seguir, porque eles têm o poder mágico de enfeitiçar quem os ouve e não sei se há antídoto para esse encantamento – para mim não houve!



Constellation Inspiration Preamp 1.0 e Stereo 1.0

Preços:

Prévio Preamp 1.0 11.500 €

Stereo 1.0 12.800 €

Representante: Imacustica

Telef.: Lisboa – 218 408 374

Porto – 225 194 180

Web www.imacustica.pt